



GÊNERO E DIVERSIDADE: DERRUBANDO BARREIRAS SÓCIO-CULTURAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES

Eva Verônica Nunes Neves¹
Georgia Daniella Feitosa de Araújo Ribeiro²
Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão³

Introdução

A educação à distância – EaD caracteriza-se de modo geral pela relação aluno-professor e professor-aluno a partir do distanciamento físico sem que o aprendiz esteja fisicamente presente em um espaço formal, acrescido da relação ensino-aprendizagem que se faz por pontes tecnológicas como o rádio, a televisão, o vídeo, a Internet, entre outros. Inicialmente, buscou-se atender os que estavam fora da faixa etária para dar prosseguimento com o ensino regular e se expandiu progressivamente a partir das necessidades de grupos diversos aliados ao crescimento, a expansão e ao barateamento no acesso aos novos instrumentos tecnológicos (BLOGS). Atualmente, a EaD alcança profissionais que buscam superar os limites do espaço e tempo para dar continuidade em seu aperfeiçoamento e desenvolvimento intelecto-cultural.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE promoveu conjuntamente com a SECAD/MEC - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, no final de junho de 2009 a março de 2010, o curso de aperfeiçoamento de Gênero e Diversidade na Escola, para professores do Ensino Fundamental e Médio da Rede Estadual e Municipal do estado. Os módulos apresentados promoveram o acesso a questões da diversidade e a conscientização dos educadores para situações específicas presentes nas escolas, primando pelo respeito às diferenças, fundamentadas a partir das discussões e reflexões dos novos conceitos apresentados. Entre vários saberes, o letramento digital propiciou a construção de um repertório específico para práxis pedagógica, desencadeando transformações nas histórias de vida destes agentes em seu círculo de atuação. Gênero, sexualidade e orientação sexual e relações étnico-raciais foram os assuntos

¹ A primeira autora é Cientista Social pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. E-mail: evanneves@yahoo.com.br;

² A segunda autora é Cientista Social formada pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE e Pedagoga pela FAINTVISA. E-mail: georgiadaraujo@gmail.com;

³ O terceiro autora e orientadora é Professora Doutora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. E-mail: rosario@dlch.ufrpe.br.



trabalhados em cinco pólos do estado de Pernambuco: Tabira, Pesqueira, Carpina, Ipojuca e Jaboatão dos Guararapes.

Dentre os cinco municípios destacamos dois no qual contextualizamos nossa pesquisa. O Primeiro, Jaboatão dos Guararapes integrado à Região Metropolitana do Recife, e o segundo, geograficamente mais distante, Pesqueira localizado no Agreste Central a 219 km da capital do estado. O curso nos pólos contou com a participação aproximada de 40 discentes, no município do Jaboatão e 55 discentes em Pesqueira, todos professores em atividade na rede pública de ensino deste e de outros municípios vizinhos. O GDE, ao longo de 200 horas e três encontros presenciais, tratou de questões que envolveram formação e profissionalização docente, diversidade, relações de gênero e novas tecnologias.

Mobilização de saberes na EaD

Giddens em sua obra Sociologia (2005) abre um capítulo para o estudo da educação e discorre sobre as transformações pelas quais passa com a inclusão da tecnologia e das demandas da economia do conhecimento global no meio. Apesar de tomar como base os países da América do Norte e Europa, descreve exemplos bem sucedidos com a educação à distância e os inconvenientes que dela advém. O alcance dessa ferramenta abre perspectivas para que cursos possam chegar a segmentos da população localizadas em pontos distantes dos grandes centros. A Universidade de Phoenix é um dos exemplos descrito por ele como bem sucedido. Em 2005 o número de matriculados em seu campos é de 68 mil alunos e toda comunicação com os estudantes é totalmente on-line pois sua localização geográfica é inexistente.

O modelo da EaD, nos municípios do Jaboatão dos Guararapes e Pesqueira, seguiu o padrão da distância física na relação entre discentes e docentes, mas inseriu durante o processo de conhecimento três encontros presenciais. Contou também com a presença de um coordenador local e dois tutores presenciais que fizeram a conexão com a coordenação do curso e os dois tutores à distância, durante todo andamento do mesmo.

Inicialmente, percebemos que o curso à distância, nestes municípios, gerou interesse e expectativas nos educadores a partir do tema central, Gênero e Diversidade na Escola, cujo objetivo foi trazer conceitos essenciais para o estudo da diversidade e promover mudanças não só conceituais mas comportamentais por parte dos professores e, conseqüentemente, dos alunos com os quais trabalham. Em segundo, a oportunidade na realização do curso através do ambiente virtual



sem o deslocamento físico para um ambiente formal foi outro fator determinante que atraiu e aproximou os educadores para o conhecimento da temática.

No início do curso e durante o transcorrer deste verificamos os entraves sócio-culturais nas regiões, principalmente em Pesqueira. Essa percepção foi detectada, por nós tutores, nas respostas dadas durante as atividades e fóruns realizados via ambiente virtual e nos encontros presenciais. Percebemos entre estas o preconceito expresso algumas vezes timidamente, outros velados e outros claramente relatados. Observamos o crescimento natural dos relatos, escritos e falados, durante a formação, que se deu a partir do vínculo tutores/discente, discente/tutores construído gradativamente dentro do processo em construção.

Durkheim (2007) faz referência sobre a educação carregada de práticas e costumes dos fatos locais. Descreve que, a educação de um uma determinada sociedade, de um determinado tempo traz costumes próprios representativos desta sociedade local:

“(...) a educação, em uso numa sociedade determinada e considerada num momento determinado da sua evolução, é um conjunto de práticas, de maneiras de fazer, de costumes que constituem factos perfeitamente definidos que têm a mesma realidade que os outros factos sociais”.

Mais adiante ele acrescenta que essa educação reflete a estrutura dessa sociedade temporal e que estas regras vigentes neste meio social tem força moral, pois a opinião impõem-no e assim prevalece no espaço:

“É impossível fazer com que uma sociedade tenha *num dado momento*⁴, um outro sistema de educação que não aquele que está implicado na sua estrutura. (...) Somos forçados a seguir as regras reinantes no meio social em que vivemos. A opinião impõem-no, e a opinião é uma força moral cujo poder constrangedor não é inferior ao das forças físicas”.

Conclui afirmando, ao reagirmos a essas forças morais representadas pelos usos locais, que ao tentarmos infringi-las possivelmente seremos vencidas por elas.

“É claro que podemos infringi-los, mas então as forças morais contra as quais nos insurgimos reagirão contra nós, e é difícil que, devido à sua superioridade, não sejamos vencidos por elas”.

Não podemos negar que cada território encontra-se mergulhado nessas forças morais, nessa atmosfera de idéias e sentimentos coletivos que toma as rédeas da vida de seus habitantes, assim como não podemos desconsiderar que qualquer ação e nova idéia provoca reações de impacto e conflitos. É possível sejamos vencidos por algumas delas, mas não concordamos com o fim da linha. De fato, a educação retrata os espectros dos fatos sociais locais, pois os próprios educadores reforçam esses fatos, principalmente quando esses docentes são nascidos e criados na própria

⁴ A opinião moral exerce, se assim podermos dizer, uma força de lei na sociedade local que projeta suas regras para instituições que tende a absorvê-las, reproduzindo e fortalecendo as mesmas. No entanto, como o autor diz essa força reinante tem prazo, não é permanente. O momento é temporário, não sobrevive eternamente. Grifo nosso



região. Entretanto, a educação também traz em seu bojo a proposta do descortinar, do revelar, do avançar, do esclarecer e participa do processo de mudança social. Como instrumento de mudança ela não se mantém estática. Ela é positivamente dinâmica.

Saberes Construídos

Também não é estática a formação docente. A partir da mobilização do repertório de saberes específicos a formação docente pela socialização permite a construção das identidades sociais e profissionais.

GAUTHIER (2006), através do grupo interuniversitário de pesquisa sobre os saberes e a escola, discorre em sua apresentação que o ensino é um ofício universal, que tem uma longa história que remontam desde a antiguidade. Destronando os mitos que cercam este ofício, como: “basta ter talento”; “basta conhecer o conteúdo”; “basta ter bom senso”; ou “basta ter experiência” e ainda “basta ter cultura” ele e sua equipe apresentam um mote sobre *ensino* que apesar de ser conhecido não é “bem utilizado” pelas políticas públicas voltadas para a educação básica.

Os saberes que são construídos ao longo de nossa vivência acadêmica apresenta uma outra visão do ensino:

“Trata-se de uma concepção segundo a qual vários saberes são mobilizados pelo professor (...) De fato, é muito mais pertinente conceber o ensino como mobilização de vários saberes que formam uma espécie de reservatório no qual o professor se abastece para responder a exigências de sua situação concreta de ensino”.

O autor trabalha com os saberes disciplinares (a matéria), curriculares, das ciências da educação, da tradição e ação pedagógica, e com as experiências, mas destacamos os saberes disciplinares por estes correspondem às diversas áreas do conhecimento, aos saberes que se encontram a disposição de nossa sociedade tais, como exemplo, as que se acham hoje integrados a universidade sob forma de disciplinas (Lessard, Tradif e Lahaye, 1991). O professor nem sempre produz esse saber disciplinar, mas para ensinar extraí esse saber produzido pelos pesquisadores. Fica fácil, então, pensar nas disciplinas das ciências da natureza, mas quando os conceitos estão ligados à orientação sexual, religião, dogmas o processo de ensino sofre prejuízos, promovendo, por esse motivo as deturpadas *transposições didáticas*.

Análise das discussões e reflexões: Jabotão e Pesqueira

Conforme descrito acima, os assuntos abordados nos fóruns participativos, nas oficinas e as atividades aplicadas, em cada módulo, geraram discussões, reflexões, questionamentos quanto ao



modelo das atuais referências sociais ou expressões reconhecidas e vivenciadas nos espaços urbano e rural que se reproduzem na dimensão escolar. O despertar gradativo desse novo olhar, para as questões ventiladas, proporcionaram conflitos e um certo incomodo nos educadores durante os debates e atividades dos textos como nos casos apresentados de homofobia. A orientação sexual na escola esbarra no tabu e na ausência do saber conceitual. A abordagem sobre identidade de gênero traz desconforto para alguns educadores e quando abordado reflete a insegurança e o preconceito no falar destes.

Em Pesqueira, os discursos apresentados por alguns dos cursistas demonstraram dificuldades entre o discurso e os liames culturais e religiosos, muito fortes na região. Presenciamos também o silêncio, na maior parte das vezes, ao tratarmos das relações étnico-raciais perante os conflitos existentes na região com o povo indígena XuKuru de Ororubá, conflito este muito antigo envolvendo terras e o açude local⁵. Em Jaboatão dos Guararapes o contexto não sofre uma abordagem tão constrangedora como o outro município mas não deixa de retratar sua dificuldades com o tema sobre identidade de gênero. Apesar de não percebermos o impacto religioso, como em Pesqueira, verificamos através do contato virtual e presencial o preconceito velado, principalmente ao se abordar o homossexualismo. Apesar do pouco número de alunos no segundo encontro presencial, onde tratamos especificamente sobre o tema observamos, no entanto, que alguns durante o debate apresentaram o expressões tais como: “são promíscuos” ou “Não vejo problema, mas é uma aberração”. Em Pesqueira a homofobia era reproduzida com as seguintes expressões: é “safadeza”, “é uma falta de respeito”, “é uma anormalidade”.

Os temas desafiaram os participantes, individualmente e coletivamente a mudança de percepção, de postura, ao enfrentamento com a realidade a partir da dialogicidade e problematização tomando como base dessa análise os conceitos, os casos, as reflexões propostas pelos tutores do curso. Assim sendo, a análise da vivência passa pela sistematização do conhecimento com os campos teóricos apresentados, nos diferentes módulos, e alcança a compreensão e reflexão sobre os significados, revendo teoria e prática anteriormente construída (BRASIL, 2008).

Na apresentação de filmes educativos, vimos um importante instrumento de sensibilização. Além deste utilizamos também propagandas que apresentaram altas doses de homofobia, ceticismo, machismo, violências nas suas diversas faces provocando análise e reflexões quanto ao modelo incorporado e reproduzido cotidianamente, modelo esse preconceituosos, dogmáticos, constituído

⁵ V4 do território municipal, englobando espaços físicos de áreas rurais e urbanas



de rótulos, discriminatório. Essas atividades como outras, aplicadas durante os módulos e os encontros presenciais, proporcionaram um novo fluxo de idéias e de conhecimentos, elementos básicos para o trabalho e vivência destes alunos/professores na vida diária de cada um, em sala de aula⁶. Os temas abordados e estudados “infringirão”, naturalmente e gradativamente, dentro do ritmo da sociedade em que ela está inserida, uma mudança moral, uma mudança de opiniões e vivências na localidade,

Conclusão

A EaD gera caminhos e oportunidades para o saber através da tecnologia, e o curso de Gênero e Diversidade na Escola convida seus interlocutores a prática do respeito à diversidade, para que estes por sua vez estendam esse novo conhecimento as suas práxis pedagógicas. O município de Pesqueira abrange a zona urbana e rural e contempla uma população com grupos relativamente distintos. Esse vínculo traz sua própria dinâmica e uma complexa rede social. As regras culturais, religiosas e sociais ao mesmo tempo em que aproxima seus habitantes pune e condena àqueles que às transgredi. Os exemplos de casos narrados pelos cursistas de homofobia e outros preconceitos, as repercussões geradas a partir desses acontecimentos apontam para falta de entendimento e a força de velhos costumes e idéias na sociedade local. No âmbito escolar a situação se repete e se torna mais grave por entendermos a instituição como espaço de aprendizado, multiplicador de conhecimento.

No município do Jaboatão dos Guararapes, o contexto não apresenta uma situação densa como na região rural e urbana de Pesqueira, por verificarmos uma circulação dos educadores, deste município, em outras escolas municipais e estaduais na região metropolitana do grande Recife (Olinda, Cabo, Moreno, Paulista, entre outros). Estes educadores apresentam uma postura mais “equilibrada” conceitualmente falando, ao se deparar com situações que envolvam identidade de gênero. No entanto, não reforçamos a isenção e de todo e qualquer preconceito. O conhecimento adquirido no decorrer do curso promoveu entre os alunos/professores, deste município, conjuntamente com os tutores e coordenadores a continuidade dos estudos do GDE através do blog, implantado antes da plataforma, e de novos encontros presenciais a serem realizados na própria Universidade Rural, tornando este grupo em um grupo de estudos, pós-curso.

⁶ Alguns alunos relataram a mudança que eles detectaram neles mesmo, de postura e vivência nas escolas em que trabalham e com seus alunos, a partir das leituras dos textos indicados. Relataram também a utilização desses mesmos textos e a aplicabilidade do novo conhecimento na vivência pedagógica e os resultados inesperados e felizes que obtiveram com o material.



Por fim, vemos que a mudança de percepção no transcorrer do curso foi sentida e registrada nos exercícios e relatos dos cursistas, nos dois municípios, bem como nas experiências vividas por estes após o uso dos textos, do CD-ROM, nas escolas que trabalham. O GDE produziu um entusiasmo e deu a partida para o rompimento com velhos conceitos e posturas castradoras da liberdade do pensar e agir. Não generalizamos essa mudança para todos os cursistas, mas entendemos que o curso foi um instrumento para a mudança de percepção.

Para concluirmos tomamos FREIRE (1979) e este esclarece que a “mudança de percepção não é outra coisa senão a substituição de uma percepção distorcida da realidade por uma percepção crítica da mesma”. Ainda complementa quanto a essa mudança de percepção:

(...) se dá na problematização de uma realidade concreta, no entrechoque se suas contradições, implica um novo enfrentamento do homem com sua realidade. Implica admirá-la em sua totalidade: vê-la de “dentro” e, desse “interior”, separá-la em suas partes e voltar a admirá-la, ganhando assim uma visão mais crítica e profunda da sua situação na realidade que não condiciona. Implica uma “apropriação” do contexto; uma inserção nele; um não ficar “aderido” a ele; um não estar quase “sob” o tempo, mas no tempo. Implica reconhecer-se homem. Homem que deve atuar, pensar, crescer, transformar e não adaptar-se fatalisticamente a uma realidade desumanizante”.

Por último, o GDE dentro da sua proposta, mobilizou saberes na formação continuada buscando, como ainda diria Freire, “aproveitar este clima característico do “anterior-presente” (...)” cabendo o trabalhador social (educador mais especificamente) problematizar “para o homem o que se opõe ao seu “hoje-anterior-presente” da mudança estrutural, tentar a mudança de sua percepção da realidade” inserido os saberes conceituais, experienciais promovendo a relação do docente com o saber de modo lúdico e consistente.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. *Gênero e Diversidade na Escola - Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. CD-ROM, 2008.
- DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2007
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Coleção Educação e Comunicação vol. I.
- GAUTHIER, Clermont. *Por uma teoria da Pedagogia, pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. 2ª Ed. Rio Grande do Sul: Unijui, 2006.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005
- TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. *O Trabalho docente, elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.